

“Ao Seu Tempo”: Um Documentário e Seus Modos de Endereçamento¹

Erica Maria Santos da SILVA²

Michele Pereira DIAS³

Rita Virginia ARGOLLO⁴

José Pedro de CARVALHO NETO⁵

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

RESUMO

Os modos de endereçamento discutidos por Gomes et al. (2005) e Gomes (2007) presentes no documentário “Ao Seu Tempo” (2013) se tornam imprescindíveis na construção de uma pesquisa contextualizada para a compreensão do tratamento dado ao tema Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) no produto. Para isso, é necessária uma reflexão em relação aos elementos que constroem a narrativa documentária, apontados nesta análise por Nichols (2005), e montagem, por Amiel (2007). A análise possui como método a observação de aspectos estruturais e organizacionais e como objetivo a percepção e compreensão dos dispositivos utilizados no intuito de provocar uma reflexão sobre a temática ante a sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: modos de endereçamento; operadores; documentário; transtorno.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, discutimos documentário segundo as concepções de Nichols (2005), para quem tal produto audiovisual pode ser de duas naturezas: a) ficção — “documentários de satisfação dos desejos”; e b) não ficção — “documentários de representação social”. Partindo desse pressuposto, tomaremos por base o documentário de não ficção, cuja principal característica é ser uma representação parcial e subjetiva da

¹ Trabalho apresentado na IJ04 – Comunicação Audiovisual do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Graduanda em Comunicação Social — Rádio e TV, do 8º semestre, pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC); e-mail: erickams53@gmail.com.

³ Graduanda em Comunicação Social — Rádio e TV, do 8º semestre, pela UESC; e-mail: michellepereira633@gmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho e professora do curso de Comunicação Social — Rádio e TV da UESC; e-mail: rvargollo@yahoo.com.br.

⁵ Mestrando em Letras: Linguagens e Representações pela UESC. Graduado em Comunicação Social — Publicidade e Propaganda; e-mail: carvallhoneto@gmail.com.

realidade, mas que pode fornecer substância para se investigar tal realidade a partir do ponto de vista do realizador da produção (NICHOLS, 2005).

Sendo assim, o produto desta análise é o documentário “Ao seu tempo” (2013), do diretor Carlos Peixoto, que apresenta relatos reais de pacientes diagnosticadas com Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), além de considerações e indagações sobre os sintomas, o diagnóstico e tratamento para o distúrbio. A narrativa documental é construída através das falas intercaladas dos atores sociais e da explicação das características do transtorno por um psiquiatra.

O documentário pertence ao gênero jornalístico, que busca mesclar pesquisa documental, mediação dos fatos *in loco*, comentários de especialistas e de envolvidos no acontecimento, e desenvolve uma investigação sobre um fato ou conjunto de fatos reais. Para Macedo (2010, p. 61), ora “os gêneros servem para identificar objetos/produtos com características semelhantes — textos, discursos, programas — ora [servem] para dialogar mais especificamente com certas emoções, sendo tratados assim como: drama, comédia, suspense”. A construção narrativa desse documentário engloba particularidades parecidas com o formato fundado no filme. Para Fachine (2001, p. 20), esse formato é “baseado na narrativa fílmica (cinematográfica), mesmo quando incorpora, por força da programação, uma estrutura em blocos”. Com base nesta reflexão sobre o gênero e o formato, é relevante ressaltar que esse processo — no qual os documentários estão inseridos, nas produções audiovisuais, de certo modo — mobiliza a sociedade, e o produto é convertido em ferramenta educacional e política.

Assim, esse texto está dividido em três partes. Na primeira, faz-se uma reflexão sobre a tipologia do documentário e como o mesmo se apresenta para os espectadores, juntamente com elementos narrativos. No segundo momento, é apresentada uma reflexão sobre o Transtorno de Ansiedade Generalizada e, por último, é realizada a análise aplicada por métodos decorrentes dos modos de endereçamentos, apoiados em Gomes et al. (2005) e Gomes (2007).

ELEMENTOS DA NARRATIVA DOCUMENTÁRIA

O documentário é um importante produto audiovisual e tem como principal característica fazer uma representação parcial e subjetiva da realidade, que depende e é

influenciada pelo olhar do realizador. A definição de documentário é sempre relativa ou comparativa, fundamentada em três aspectos: obra, autor e espectador (NICHOLS, 2005). Dentro desse conceito, o autor traz a diferença entre a reprodução e a representação documentária, não existindo a reprodução de algo, mas sim a representação, exceto as imagens de arquivo ou recortes de jornais. O documentário representa a realidade através de um olhar, de um ponto de vista cheio de informações e valores, com várias abordagens e características de um determinado tema (NICHOLS, 2005).

É importante destacar que o documentário é classificado por modos que são determinados através das tipologias, definições por meio das linguagens que estabelecem as formas e os pontos de vista da estruturação narrativa. Segundo Nichols (2005, p. 135), “podemos identificar seis modos de representação que funcionam como subgêneros do gênero documentário propriamente dito: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático”, havendo nesse processo uma mediação dos documentaristas com esses modos, o que estabelece o tipo ou a cronologia do documentário.

As Vozes do Documentário

Para se chegar a uma melhor interpretação da análise documentária em questão, de acordo com Nichols (2005), é necessário descrever, mesmo que de uma forma mais sintética, os seis modos de representação: 1) poético (anos 1920) — suas características são mais visuais, seus elementos retóricos são pouco desenvolvidos e apresentam proposições sobre problemas que necessitam de solução; 2) expositivo (anos 1920) — tipologia que apresenta fragmentos mais retóricos e argumentativos, dirige-se ao espectador diretamente e incorpora, nas produções, o comentário com voz de Deus (*voz over*), que é quando o orador é ouvido, mas jamais visto; 3) participativo (anos 1960) — apresenta grande e evidente influência da visão participativa da Antropologia, os realizadores também vão a campo, falando de suas experiências ou representam o que experimentaram, e as entrevistas oferecem envolvimento direto; 4) observativo (anos 1960) — enfatiza o cotidiano das pessoas que representam o tema abordado pelo documentarista, utiliza câmeras discretas, e as imagens estão ligadas ao neorealismo italiano; 5) reflexivo (anos 1980) — o processo de conexão entre o documentarista e o

espectador se torna a pedra fundamental, é o modo de representação mais consciente de si mesmo e aquele que mais questiona e aguça nossa consciência da criação da representação feita pelo documentário; e 6) performático (anos 1980) — que se caracteriza por trabalhar com a subjetividade; nesse sentido, a objetividade perde espaço e a intencionalidade aparece com clareza.

A partir dessa perspectiva, percebemos que há duas tipologias presentes no produto em análise: o modo expositivo e o modo performático. O primeiro agrupa fragmentos do mundo histórico em uma estrutura mais retórica ou argumentativa do que estética ou poética (NICHOLS, 2005). As peculiaridades expositivas são percebidas no documentário “Ao seu tempo” (2013) logo nos primeiros minutos de introdução da narrativa com a fala das personagens, o que traz uma ênfase muito objetiva das especificidades de cada relato contado. Este elemento é reforçado pelo fato de esse modo depender muito de uma lógica informativa, que é transmitida de forma verbal. Para Nichols (2005, p. 172), “o documentário expositivo representa a perspectiva ou argumento do filme”. A montagem é utilizada como ferramenta para evidenciar o sentido e dar continuidade ao argumento ou favorecer a perspectiva verbal exposta pelas depoentes.

A forma como o discurso de cada uma das depoentes é exibido na narrativa é própria do modo performático, dada a subjetividade apresentada. São relatos e atribuições acerca do transtorno, construídos em cima da realidade vivida pelas entrevistadas. Nesse ponto, aparece com clareza a intencionalidade do diretor: chamar a atenção do público por meio do “eu” presente nas falas, facilitando uma proximidade com o espectador.

A construção imagética da narrativa é elaborada a partir de enquadramentos em planos médios, primeiros planos e planos detalhes das personagens. A estética é trabalhada através da fotografia, que utiliza o recurso de imagens em preto e branco nas entrevistas das depoentes. Essas imagens entram na narrativa como artifício responsável por dar um ar sombrio devido à complexidade do transtorno, já as partes coloridas presentes na entrevista do psiquiatra entram na tela como uma forma de esclarecer as informações sobre aquilo que está sendo transmitido. Outro recurso utilizado na narrativa é a tela em *black*, que aparece, em alguns momentos, com textos explicativos sobre o TAG.

REFLEXÃO SOBRE O TRANSTORNO DA ANSIEDADE GENERALIZADA

Conforme explica Varella (2017):

O transtorno da ansiedade generalizada (TAG), segundo o manual de classificação de doenças mentais (DSM.IV), é um distúrbio caracterizado pela “preocupação excessiva ou expectativa apreensiva”, persistente e de difícil controle, que perdura por seis meses no mínimo e vem acompanhado por três ou mais dos seguintes sintomas: inquietação, fadiga, irritabilidade, dificuldade de concentração, tensão muscular e perturbação do sono (VARELLA, 2017, p.01).

É importante ressaltar que é normal sentir ansiedade em diversas situações do cotidiano, em todas as etapas da vida; nestes casos, porém, o grau de ansiedade não é elevado nem interfere negativamente nas relações inter e intrapessoais.

A ansiedade é um dos transtornos mentais que mais afetam as pessoas no mundo, dificultando suas vidas tanto no nível profissional quanto no pessoal. A Organização Mundial da Saúde (OMS) divulgou no ano de 2016 que 33% da população mundial possuem o transtorno de ansiedade⁶. Enquanto isso, o Brasil foi considerado pela OMS no início do ano de 2017 o país com a maior taxa de pessoas com transtorno de ansiedade, estimativa de 9,3% de brasileiros.

Fatores socioeconômicos ainda são vistos como uma explicação desses dados alarmantes; contudo, uma questão vem chamando bastante a atenção: as redes sociais.

As redes sociais na internet são websites que disponibilizam ao usuário a criação de um perfil individual e da inserção das suas relações com outras pessoas, que podem ser familiares, conhecidos, colegas de trabalho, amigos, etc. São mídias sociais que conectam bilhões de pessoas diariamente (KOEHLER; CARVALHO; FRANCO, 2015, p. 714).

Esses sites de interação interpessoal de forma virtual e rápida vêm ganhando um novo papel na contemporaneidade. Alguns especialistas atribuem o aumento de pessoas

⁶ Fonte: **OMS diz que 33% da população mundial sofre de ansiedade**. Disponível em: <http://www.progresso.com.br/caderno-a/ciencia-saude/oms-diz-que-33-da-populacao-mundial-sofre-de-ansiedade>. Acesso em: 20 de Mai de 2018.

com algum tipo de transtorno mental, incluindo o de ansiedade, às redes sociais. É o que se percebe em uma pesquisa realizada com mais de 1.500 jovens com idade entre 14 e 24 anos, em 2017, no Reino Unido, pela *Royal Society for Public Health* (RSPH), denominado *Status of Mind*, que apontou que “o Instagram é a plataforma que mais causa transtornos em seus usuários, tendo sido detectado um nível maior de ansiedade, depressão, insônia e insatisfação com a própria imagem” (PESQUISA *STATUS OF MIND*, 2017).

A relação transtornos mentais x redes sociais se dá porque, nas redes, as pessoas podem editar suas histórias e simular uma vida feliz, perfeita e livre de problemas; porém, na realidade, muitas vezes estão infelizes e deprimidas. Vale ressaltar que essas redes fazem parte dos avanços tecnológicos, um dos pontos do fenômeno de globalização, considerado por Santos (2001) como um mundo que pode ser dividido em três: o primeiro, o da globalização como fábula, mundo este que nos faz enxergá-lo como algo que não acontece, dito global, capaz de homogeneizar o planeta, mas onde, na verdade, as diferenças são aprofundadas. O segundo é o da globalização como perversidade, o mundo como realmente é, cheio de mazelas e injustiças sociais. E o terceiro é o mundo de uma outra globalização, de como ele pode ser.

OS MODOS DE ENDEREÇAMENTOS APLICADOS

Todo produto audiovisual é resultante de um processo de construção que prioriza tanto os recursos estéticos e técnicos quanto os recursos linguísticos, no caso, o conteúdo. Como uma forma organizacional, existem parâmetros dentro do contexto audiovisual que o emissor necessita pontuar na construção identitária de cada produto. Para o documentário, os parâmetros são: a temática, a tipologia, o público-alvo, a linguagem, o formato, e o gênero. Neste contexto, a análise aplicada do documentário “Ao seu tempo” (2013) será norteada com base nos modos de endereçamentos propostos como forma metodológica de analisar aspectos estruturais e organizacionais; as estratégias comunicacionais e de audiência do produto, as suas especificidades e a forma como se apresentam socialmente.

O conceito de modo de endereçamento se refere ao modo como um determinado programa se relaciona com sua audiência a partir da construção de um *estilo*, que o identifica e que o diferencia dos

demais. Ele permite verificar como instituição social e forma cultural se *atualizam* num programa específico (GOMES, 2007, p. 23, grifos da autora).

Dentro do documentário, percebemos a presença de alguns operadores de análise aplicados pela metodologia dos modos de endereçamento. Em “Ao Seu Tempo” (2013), o primeiro operador identificado foi o contexto comunicativo, descrito por Gomes (2007, p. 25) como um “contexto que compreende tanto emissor, quanto receptor e mais as circunstâncias espaciais e temporais em que o processo comunicativo se dá”. No produto em análise, esse operador é percebido logo nos primeiros segundos, quando o diretor (emissor) apresenta as personagens por meio de seus discursos, cada uma falando sobre o transtorno de ansiedade mediante o ponto de vista da subjetividade.

O segundo operador presente é o pacto sobre o papel do jornalismo, caracterizado por algumas concepções dentro da relação entre o programa e o espectador. Para Gomes et al. (2005, p. 4) esse pacto é de fundamental relevância, pois mostra como o profissional “lida com a questão da responsabilidade social, do direito público à informação e da liberdade de expressão e de opinião”. Estes fatores foram de total pertinência para a escolha do tema abordado no presente documentário. Neste sentido, esse operador se aplica pelo destaque que o Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) ganhou no cenário atual, já que informa à sociedade sobre um problema que existe há tempos, mas que é desenvolvido e potencializado devido à correria do dia a dia e aos diversos compromissos rotineiros, somados ao estresse, pressões profissionais, fobias e privações sociais constantes.

O terceiro operador é a organização temática, estrutura que articula a organização dos assuntos que serão apresentados por parte do programa, de acordo com certos interesses e aptidões do telespectador (GOMES, 2007). Nesse contexto, há a presença do quarto operador, os recursos da linguagem televisiva, que é “à utilização dos recursos de filmagem, edição e montagem de imagem e de som empregados pelos programas jornalísticos” (GOMES, 2005, p. 5). No documentário, esses operadores se aplicam na organização temática dos blocos de montagem, por meio da perspectiva de apresentar o início, meio e fim da história.

É fundamento da montagem narrativa: aquela que impõe uma unidade lógica por meio de elementos fragmentados, que são os sucessivos.

Porque, para poder criar uma evolução, indispensável à apresentação de qualquer história, é preciso inscrever a ação ou as personagens numa unidade, num quadro de percepção homogênea, o único a poder torna-se o quadro de referência desta evolução (AMIEL, 2007, p. 26).

Esse tipo de montagem é usado para dar sentido à narrativa diante da sua recepção. A montagem documental é feita por meio de elementos construídos pelo roteiro de montagem, algo que se extrai de alguns detalhes através das respostas dos personagens, sequências de falas e gestos dos mesmos. A ideia de continuidade e contiguidade apresentada através dos *raccords*, cortes e as alternâncias de planos, desperta diversas cargas emocionais propostas pela narrativa (AMIEL, 2007).

O primeiro bloco da organização temática inicia-se no 00min 00s, vai até 01min 17s e remete ao primeiro momento introdutório do documentário, no qual as personagens explicam quais são os sintomas do transtorno de ansiedade generalizada e como é a vida de uma pessoa que sofre de ansiedade, o que significa ser ansioso. Na sequência, entra a fala do psiquiatra explicando o que é ansiedade e suas características.

O segundo bloco começa a partir de 01min 18s e vai até 04min 50s. Nele, Alice Valença — nome fictício para a personagem diagnosticada com TAG — aparece no vídeo, por intermédio de um recurso técnico de contraluz, relatando como descobriu que sofria do transtorno. Em seguida aparece a segunda personagem, Rosângela D. Queiroz, narrando o início do transtorno na sua vida. Na continuação, entra outra fala do psiquiatra e, logo após, a terceira depoente, Daniela Navarro, também relata sua história de como descobriu o transtorno. Dentro dessa organização temática, é possível identificar que o segundo bloco é referente às causas e os sintomas.

O terceiro bloco inicia-se no 04min 51s e vai até 06min, com os depoimentos sustentados pela fala do psiquiatra sobre o momento de descoberta e diagnóstico do TAG. O quarto bloco começa no 06min 02s e vai até 10min 02s, com a apresentação dos tratamentos buscados pelas depoentes, os efeitos colaterais do tratamento com remédios e as dificuldades de todo o processo. O último bloco temático inicia-se no 10min 03s e vai até 15min, com a aceitação do transtorno no dia a dia e na forma de aprender a conviver com ele e evitar mais sofrimento.

Com base nesses blocos, o operador dos recursos da linguagem televisiva enriqueceu a construção narrativa a partir de uma linguagem simples, utilização do recurso técnico de gravar os depoimentos em preto e branco como forma de destacar

somente o que elas dizem, sem desviar a atenção dos espectadores para outros elementos presentes na filmagem, edição e montagem, que recorrem aos fios de ligação para dar ritmo e sentido à narrativa e, por fim, o som, que potencializou o sentido dramático dos relatos.

O quinto operador são os recursos técnicos a serviço do jornalismo. Para Gomes et al. (2005, p. 5), “o modo como exibem para o telespectador o trabalho necessário para fazer a notícia são fortes componentes da credibilidade do programa/da emissora e importante dispositivo de atribuição de autenticidade”. No produto de análise, esse operador aparece por meio da escolha de gravar o depoimento do psiquiatra no consultório de atendimento, o que passa veracidade para os receptores. Para além da credibilidade, esse recurso é bem característico da linguagem documental, visto que se trata de uma representação do “real” e, portanto, necessita de uma verossimilhança.

O sexto e último operador de análise identificado é a relação com as fontes de informação. Segundo Gomes et al. (2005, p. 5), existem dois tipos de fontes: “a autoridade/ o especialista e o cidadão comum. Na maioria dos programas brasileiros, a fonte oficial é tratada de modo a transferir sua credibilidade para o programa, através do recurso à voz autorizada”. No documentário em questão, este operador é o psiquiatra, que entra de forma intercalada, sustentando os subtemas apresentados.

Os estudos acerca do jornalismo apontam para uma teoria que possui a mesma ideia deste operador, a teoria dos definidores primários e a espiral do silêncio. O sexto operador encontrado no documentário “Ao Seu Tempo” (2013) se aproxima das ideias centrais das teorias do jornalismo citadas acima, em que busca sempre legitimar os depoimentos através da fala de pessoas em cargos institucionais que funcionam como definidores primários (PENA, 2005). Outro ponto característico de convergência é a presença da fonte popular, o cidadão e a espiral do silêncio. Identificamos esses elementos no documentário por meio dos atores sociais, isto é, pessoas comuns que só ganham visibilidade nas mídias caso sejam diretamente afetadas ou quando são transformadas em notícias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário dessa análise aborda o Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), um dos transtornos mentais que mais afetam as pessoas na modernidade. A

partir de uma contextualização sobre o que é documentário, sua tipologia, gênero e formato, compreendemos que o documentário “Ao Seu Tempo” (2013) constrói a sua narrativa por meio de elementos técnicos e linguísticos e, em seu sentido dominante, é sistematizado através do som, o que lhe atribui um ritmo tonal.

Em relação aos modos de endereçamento, percebemos seis operadores de análise: o contexto comunicativo em que o diretor apresenta os personagens para os receptores mediante os seus discursos; o pacto sobre o papel do jornalismo, no qual, nessa análise, consiste na discussão da temática; a organização temática ou a forma como são estruturados o cenário e a fala das personagens; recursos da linguagem televisiva, na qual se apresenta os blocos de montagem; relação com as fontes de informação, neste caso, as contribuições do especialista para dar credibilidade à discussão; e os recursos técnicos a serviço do jornalismo, como a gravação no consultório do especialista.

O assunto abordado no documentário é atual, devido à relevância de destacar e informar a sociedade sobre as características do TAG. Nisto, as representações dos atores sociais expõem de forma didática como esse transtorno pode transformar a vida de pessoas diagnosticadas. A partir de então, vê-se a importância de estudar o processo e o modo como esta narrativa é construída, por intermédio da análise aplicada dos modos de endereçamentos, parâmetros metodológicos que serviram como base organizativa para o desenvolvimento desta análise.

Em suma, mesmo construído tendo como base uma narrativa simples, é importante ressaltar a relevância deste documentário para a sociedade, já que se trata de um produto audiovisual que cumpre com sua finalidade de informar e provocar reflexão acerca da temática sobre o transtorno de ansiedade generalizada (TAG). Os operadores de análise presentes nele atribuem, cada um, uma significância para o contexto do audiovisual. Desse modo, consideramos fundamentais os estudos que buscam desconstruir montagens no intuito de desvelar ao consumidor de audiovisual as estratégias utilizadas na construção de uma linguagem persuasiva.

REFERÊNCIAS

AMIEL, Vincent. **Estética da montagem**. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2007

AO SEU Tempo. Direção: Carlos Peixoto. Reportagem e poesia: Sara Vasconcelos. Imagens: Diego Ciriaco; João Victor Wanderley. Luz: Alex Régis. Finalização: Bernardo Luiz. Edição: Júlio Pinheiro. Natal: TV Tribuna; Tribuna do Norte, 25 jan. 2013. (15m30s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GX-VPSbPsk>. Acesso em: 13 maio 2018.

OMS. Brasil tem maior taxa de transtorno de ansiedade do mundo, diz OMS. **Estadão**, São Paulo, 23 fev. 2017. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-tem-maior-taxa-de-transtorno-de-ansiedade-do-mundo-diz-oms,70001677247>. Acesso em: 20 maio 2018.

FECHINE, Yvana. Gêneros televisuais: a dinâmica dos formatos. **Symposium**, Recife, ano 5, n. 1, p. 14-26, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3195/3195.PDF>. Acesso em: 14 maio 2018.

GOMES, Itania Maria Mota et al. Modo de endereçamento no telejornalismo do horário nobre brasileiro: o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos [...]**. Rio de Janeiro: INTERCOM, 2005. p. 1-15. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/74277217742772103772621605140235486090.pdf>. Acesso em: 16 maio 2018.

GOMES, Itania Maria Mota. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. **Compós** [on-line], v. 8, p. 2-21, abr. 2007. Disponível em: <http://e-compos.org.br/e-compos/article/viewFile/126/126>. Acesso em: 18 maio 2018.

KOEHLER, Cristiane; CARVALHO, Marie; FRANCO, Sérgio. **Interação social em rede e nas redes sociais na internet**: reflexões para uma educação em rede. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO — TISE, 20., 2015, Santiago. **Atas [...]**. Santiago: TISE, 2015. p. 713-718. v. 11. Disponível em: <http://www.tise.cl/volumen11/TISE2015/713-718.pdf>. Acesso em: 21 maio 2018.

MACEDO, Diana. Afinal, o que é gênero em comunicação? O consumo da programação midiática televisiva. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 58-68, jan./jul. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/19288>. Acesso em: 14 maio 2018.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus Editora, 2005.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

PESQUISA apontou que Instagram e demais redes sociais podem afetar a saúde. **Brasil Econômico**, São Paulo, 26 maio 2017. Disponível em: <http://tecnologia.ig.com.br/2017-05-26/instagram-afeta-saude-mental.html>. Acesso em: 25 maio 2018.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

VARELLA, Maria Helena. TAG – Transtorno da ansiedade generalizada. **Portal Drauzio Varella**, São Paulo, 27 out. 2017. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/tag-transtorno-da-ansiedade->. Acesso em: 20 maio 2018.